

Ladrões de cobaias

O Estado de S.Paulo - Notas & Informações p.A3 / 22-10-2013.

De boas intenções, como se sabe, o inferno está cheio. A título de "salvar" dezenas de cães que supostamente estavam sofrendo maus-tratos em um laboratório em São Roque, um grupo de ativistas invadiu o local, no último dia 18 de outubro, e retirou de lá os animais. Para esses militantes, foi uma operação de "resgate"; de acordo com a lei, no entanto, o que aconteceu foi um furto, acompanhado de depredação de patrimônio privado, e os que dele participaram agiram simplesmente como ladrões.

O laboratório invadido pertence ao Instituto Royal, que trabalha para a indústria farmacêutica e realiza pesquisas para avaliar a segurança de novos medicamentos. Está devidamente credenciado pelo Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal (CONCEA), órgão do Ministério da Ciência, que regulamenta o uso de animais em pesquisas.

Para obter esse registro, o laboratório é obrigado a ter uma comissão de ética cuja função é avaliar o uso de animais em seus experimentos. Além disso, tem de submeter-se à fiscalização sistemática sobre o tratamento que dispensa às cobaias e sobre o treinamento do pessoal que lida com elas.

Marcelo Marcos Morales, coordenador do CONCEA, disse que o **Instituto Royal é o mais importante do País em sua área**. "Era o mais controlado, o mais ético e o mais regular, com reconhecimento internacional", afirmou Morales.

Graças a esse rigor, o **Instituto Royal** obteve financiamento de R\$ 5,25 milhões do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. O projeto foi aprovado pela **Agência Brasileira de Inovação (FINEP)**, vinculada ao **Ministério da Ciência**, depois de constatado que cumpria "todos os preceitos expressos em legislação, possuindo as licenças e autorizações necessárias, e foi classificado após minuciosa análise do corpo técnico da FINEP".

Nada disso, porém, parece ter a menor importância para os ativistas que invadiram o laboratório. Como justiceiros, eles se julgam acima das leis, porque se sentem movidos por causas "nobres".

Segundo os organizadores da ação criminosa, houve uma tentativa de diálogo com os donos do **Instituto Royal** antes da invasão, a título de

"advertência", porque a massa por eles arregimentada estava ficando indócil e poderia causar prejuízos. Bastava ao laboratório entregar os cachorros de forma "pacífica" que nada aconteceria.

A ameaça do uso da violência para fortalecer reivindicações durante protestos está se tornando perigosamente comum. Os fascistoídes que se intitulam "black blocs", que saem a quebrar tudo em nome de propósitos que mudam conforme o dia, são o principal símbolo desse momento peculiar na vida nacional. Contribuí para isso a confusão que alguns magistrados têm feito sobre a legitimidade dessa violência - houve até um juiz que, ao avaliar a recente invasão da **Reitoria da USP** por alunos, um caso óbvio de vandalismo, disse tratar-se de "direito de exercer pressão".

Movidos apenas pela certeza moral típica de espíritos autoritários, os militantes dos direitos dos animais que invadiram o **Instituto Royal** o fizeram porque não conseguem discernir entre pesquisa científica com cobaias e maus-tratos a animais. Avilta-se assim todo um trabalho fundamental para a indústria farmacêutica.

O mundo ideal é aquele em que os laboratórios poderão dispensar o uso de animais em suas investigações. Mas, como diz a **Agência Nacional de Vigilância Sanitária** (ANVISA), "ainda não nos é possível abandonar a utilização desses animais na avaliação da segurança de produtos, nos seus mais diversos aspectos".

Se assim é, então o que a sociedade tem de exigir é que os órgãos fiscalizadores trabalhem para que os animais sejam tratados de forma adequada. Pois era precisamente o que acontecia no **Instituto Royal**, onde os cachorros viviam sem estresse, em ambiente absolutamente controlado e com alimentação balanceada - coisas que agora, graças ao voluntarismo tatibitate de um punhado de irresponsáveis, eles não terão mais.